

WITTGENSTEIN E A POESIA COMO TERAPIA GRAMATICAL¹

Fernando Alves Grumicker²

Orientadora: Anna Maria Lorenzoni³

RESUMO: O presente trabalho trata de pensar as possibilidades da escrita filosófica em forma de poesia, considerando as obras de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) *Cultura e Valor* (1970) e *Investigações Filosóficas* (1953). Nestas obras Wittgenstein aponta uma relação entre a poesia e filosofia, da explicitação de sentido filosófico e os jogos de linguagem, mostrando como a práxis da linguagem também define sentido nas proposições filosóficas. Na obra *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein esclarece a concepção de filosofia enquanto uma atividade crítica, e descreve que a filosofia sempre se depara com limites na linguagem, que por sua vez o filósofo insiste e em ir para além destes limites, e volta dessas tentativas repleta de contusões. A filosofia, se escrita de uma forma poética, não estaria livre ou isenta de tais questões, assim como seguir regras gramaticais, consensuais, e jogos de linguagem, não curaria tais contusões resultantes das tentativas de explicitar o que está para além do domínio da linguagem, o nefando e o inefável, tampouco as tentativas de explicitar uma linguagem “privada”, no entanto, a gramática e o seguimento de regras, serviria enquanto um tratamento, sem propósito de cura. O problema central do trabalho será pensar a escrita da poesia enquanto um exercício filosófico que tende a uma tentativa de ultrapassar os limites da linguagem segundo a concepção crítica de Wittgenstein. Enquanto método, será adotada a análise bibliográfica e a heurística, com indagações à escrita filosófica em forma de poesia. O trabalho espera apontar a escrita poética enquanto atividade filosófica e entender através dessa concepção que a poesia careça de um tratamento de suas contusões no retorno de suas tentativas de ir para além dos limites possíveis da linguagem, de suas tentativas de explicitação, o presente escrito também procura apontar que as contusões da filosofia podem ser tratadas através de uma análise gramatical, como propõe Wittgenstein. Portanto, através do seguimento de regras como um campo comum, enquanto jogo de linguagem, que reflete uma forma de vida, enquanto regresso daquelas tentativas de ir além dos limites insuperáveis da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Significado. Poesia. Filosofia. Terapia.

¹ O desenvolvimento deste trabalho foi apresentado no XXV Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná, 2022.

² Graduação em filosofia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: grumickerfernando@gmail.com

³ Doutora em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (2019). Professora Adjunta na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Orientadora do presente trabalho. E-mail: anna.lorenzoni@unioeste.br

COMENTÁRIOS INICIAIS

Os apontamentos de Wittgenstein que fomentaram a presente pesquisa, continuam sendo um dos ofícios de muitos filósofos norteados pela sua filosofia crítica. Desde os escritos do *Tractatus* à sua filosofia posterior. Wittgenstein traz à mostra todas as consequências pelas quais seus pensamentos se encontram atrelados, de uma análise lógica da linguagem, a identificação de um sintoma, para o desenvolvimento de ferramentas para o auxílio de problemas filosóficos.

A maneira de divisão na filosofia wittgensteiniana em duas partes, acaba sendo uma maneira mais didática de abordar o autor do que metodológica, no entanto, podemos caracterizar a íntima relação entre o *Tractatus* e as *Investigações Filosóficas*, como também, tratar tais obras de maneira isolada e separadas, assim como parte de obras intermediárias entre a publicação das *Investigações* aos escritos posteriores, que demonstram serem sugestivas uma continuidade no pensamento de Wittgenstein. Em relação às influências e admirações filosóficas presentes na filosofia de Wittgenstein, essa divisão demonstra duas concepções distintas que permeiam todo o trabalho de Wittgenstein. De um lado influências principalmente de Frege e Russell no que toca as questões a respeito da lógica. Por outro lado, Dostoiévski, sem dúvida, foi fundamental para a compreensão demonstrativa das considerações éticas e estéticas de Wittgenstein, tanto no *Tractatus* quanto em escritos posteriores, assim, as descrições da literatura possuem importância para a compreensão dos problemas filosóficos que Wittgenstein aborda, vida e na obra de Wittgenstein, assim como notas eminentemente individuais de seus diários. É neste último sentido que podemos caracterizar a literatura, e a escrita poética, como uma forma de descrição de sensações, estados internos, e desenvolvimento de ações, e a escrita poética, particularmente, pode adotar reflexões descritivas através da filosofia, mas fazendo isso, a poesia assumiria o risco e o compromisso com o empreendimento filosófico e seus problemas de pesquisa.

Destes riscos, e do problema central, da escrita poética, é propriamente que iremos abordar mais adiante. Entorno das *Investigações*, podemos dizer, junto com Wittgenstein, que a natureza de suas preocupações reflete o próprio recorte

filosófico, como uma figura retalhada que forma um álbum a ser montado (prefácio *das Investigações*), refletido, para a compreensão de um panorama mais amplo a respeito da filosofia, assim como do funcionamento da nossa linguagem, a exigência de clareza remete a um esforço retroativo. A disputa do filósofo é uma batalha sem esperança, com e contra os limites da linguagem, mas um esforço filosófico deve ter em vista a possibilidade da compreensão da maneira pela qual a linguagem funciona, para então, junto disto, compreender os seus limites.

A escrita filosófica em forma de poesia, possui um problema fundamental, pois a filosofia se faz em uma disputa contra a linguagem, os jogos, são, enfim, parte integrante da totalidade das noções psicológicas, lógicas e reais, elas são uma forma de vida, que ao mesmo tempo, da linguagem não se pode desvincular pois forma a totalidade de uma vivência. Se a poesia for um empreendimento filosófico, ou a filosofia adotar uma forma poética para o empreendimento filosófico, não poderá deixar a linguagem de lado, e ela não irá operar sozinha. Seus problemas, de procurar se alçar contra os limites da linguagem são causas de contusões no intelecto. Procuraremos demonstrar, no que se segue, se uma terapia gramatical na filosofia, como pretende Wittgenstein, é aplicável na escrita filosófica em forma de poesia.

A ESCRITA FILOSÓFICA EM FORMA DE POESIA

Em um primeiro momento, no *Tractatus*, Wittgenstein salva a filosofia, principalmente campos como a ética e a estética do fundacionalismo errôneo, e a desvincula da superstição pela qual as proposições em tais campos pudessem se referir diretamente ao que constitui o valor da vida humana, de sua condição, e principalmente, sobre a postura diante do mundo e da contemplação estética: são vivências irreduzíveis ao fisicalismo ou à investigação experimental. Através das ferramentas que disponibilizamos, a linguagem ordinária que compreendemos, dos conceitos que dominamos que podemos intuir os limites da própria linguagem.

As *Investigações Filosóficas*, caracterizam a disputa entre a linguagem e seus limites, o que demonstra ainda que a filosofia enquanto uma crítica da linguagem, careça de um tratamento adequado, assim, as investigações suprem, mas também

alertam para a evidência que são os enganos, equívocos e hematomas no entendimento humano sobre as questões filosóficas. São nessas obras que Wittgenstein irá abordar o papel da filosofia, e a necessidade de um desenvolvimento de uma visão mais ampla em nosso concebimento da linguagem. Entender a gramática de nossa linguagem se equaciona como entendimento das nossas vivências individuais, ao mesmo tempo, o filósofo da linguagem deve se atentar para as semelhanças e dissemelhanças, assim como entender as alegorias e os mal-entendidos (o enfeitiçamento) oriundos do enfrentamento com os limites impostos pela linguagem, pela própria natureza do problema. Assim, exemplificações, séries e modelos podem ajudar como ferramentas para a execução e a diminuição dos problemas. Auxiliam a romper com as considerações que analisam um problema com uma falsa profundidade, alguns problemas demonstram uma doença mais do que uma possibilidade de solução: deve ser tratada como doença, a resolver significa trazer paz aos pensamentos, é preciso que se possa parar de filosofar em algum momento entorno de questões que levam a consciência a atingir os seus desertos, a procura de uma água cristalina, de uma essência translúcida e impecável. Tais são as abordagens de Wittgenstein, enquanto um sentido terapêutico, demonstra que o sujeito não pode ser reduzido a uma organização mecânica. Se a linguagem vem a ser um problema, e jogamos certos conjuntos de conceitos em um jogo de linguagem, o significado que vivenciamos cumpre um papel não-analisável no sentido empírico, uma ontologia mais ampla, significa conceitos e ligações conceituais na linguagem mais amplos, mas dependentes de um contexto de linguagem. Entende-se um significado, o aplicando, o descrevendo, através de exemplificações de seus usos, aplicando contextos e, principalmente, vivenciando o significado, assim, uma antropologia wittgensteiniana nos diria que o sujeito, antes de tudo, é um ser simbólico, e uma filosofia da psicologia nos diz que a vivência cumpre um papel fundamental nos conceitos significativos da linguagem.

As considerações da filosofia de Ludwig Wittgenstein no que concerne às narrativas, são expressas nas Investigações Filosóficas, mais do que no Tractatus, embora esta obra trate da filosofia da linguagem, ainda não toca questões como gêneros textuais, mas se refere à linguagem como uma preocupação pelas

condições de possibilidade da expressividade, embora possamos compreender a filosofia como crítica da linguagem em ambas as obras. A principal crítica de Wittgenstein ao *Tractatus* se refere à teoria da figuração apresentada no *Tractatus*, como uma tentativa de essencialização da linguagem, sua forma de expressividade, e principalmente, à forma lógica da linguagem enquanto um limite de expressividade, ao propor os jogos de linguagem nas *Investigações Filosóficas*, a crítica de Wittgenstein, permanece evidente, mas não apenas ao *Tractatus*, como também, às abordagens do empirismo lógico e da própria tradição, onde a linguagem (e a filosofia) apenas serviria para a categorização, à elaboração de proposições objetivas, para assimilar pensamentos, tanto é que Wittgenstein, já no *Tractatus*, entende o pensamento como uma proposição com sentido, muito antes de se preocupar com questões psicológicas que possam vir a ser os fatores de tal pensamento, assim, o Wittgenstein do *Tractatus* se preocupa antes, com o sentido dessas proposições do que com os aspectos fisiológicos de causa, assim, as proposições apenas poderiam expressar uma linearidade argumentativa de acordo com estados de coisas.

Se tomarmos tanto o *Tractatus* quanto as *Investigações*, de acordo com as suas continuidades e descontinuidades na filosofia de Wittgenstein, encontramos uma transformação em sua filosofia, no sentido de que Wittgenstein, ainda traz consigo muitas das questões levantadas no *Tractatus*, entre elas: a) o limite da linguagem; b) as condições de expressividade; c) os absurdos na linguagem. Nas *Investigações*, Wittgenstein parte da lógica da linguagem para a gramática, ou da adequação de conceitos a estados de coisas para a o uso das palavras. Daí que pensar o significado de conceitos expressos pela linguagem já não requer uma figuração (uma imagem), mas que tais figuras, permanecem nos jogos de linguagens, assim como tais jogos de linguagem remetem a uma forma de vida.

Considerando as obras de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) *Cultura e Valor* (1970) e *Investigações Filosóficas*. Nestas obras Wittgenstein aponta uma relação entre a poesia e filosofia, da explicitação de sentido filosófico e os jogos de linguagem, mostrando como a práxis da linguagem também define sentido nas proposições filosóficas. Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein esclarece a concepção de filosofia enquanto uma crítica e descreve que a filosofia sempre se

depara com limites na linguagem, enquanto limites de expressividade, não apenas pela própria natureza de tais problemas, mas também, pelos equívocos de considerações gramaticais no campo da filosofia, que por sua vez, o sujeito insiste e em ir para além destes limites, e volta dessas tentativas repleta de hematomas. A filosofia, se escrita de uma forma poética, não estaria livre ou isenta de tais questões, assim como seguir regras gramaticais, consensuais, e jogos de linguagem, não curaria tais contusões resultantes das tentativas de explicitar o que está para além do domínio da linguagem, o nefando e o inefável, tampouco as tentativas de explicitar uma linguagem privada para além do que a linguagem ordinária possibilita, o que resultaria, antes, em um silêncio dado ao fator indizível de uma tal linguagem, no entanto, a gramática e o seguimento de regras, serviria enquanto um tratamento. Assim, se considerarmos a escrita da poesia enquanto um exercício filosófico, tal exercício também tende a uma tentativa de ultrapassar os limites da linguagem. Nos diz Wittgenstein (CV, § 129, tradução nossa) “creio ter resumido a minha posição a respeito da filosofia ao dizer: de fato, apenas se deveria poetizar a filosofia”⁴, a poetização da filosofia deve significar um uso da linguagem que pela qual tanto a postura filosófica quanto a poética se assemelham: ambas se encontram diante de um limite de expressividade. Estas são as jaulas da prisão da linguagem.

O poeta se encontra em um mundo onde não precisa justificar suas afirmações, mas a escrita filosófica em forma de poesia, ressalta tal necessidade. O poeta em um momento de exegese, de grande apreciação estética, escreve um poema para que os que o leiam possam chegar a sentir o que o poeta sente, mas evidentemente, tais sentimentos são intransponíveis, não podem ser transferidos, remediados, não podem ser expressos em fórmulas ou explicados mediante uma ciência empírica. De modo geral, nossos sentimentos correspondem às nossas vivências eminentemente individuais e subjetivas, assim, o poeta tenta transmitir, contra os limites da própria linguagem, um significado particular, uma vivência subjetiva, uma experiência interna. Quando o poeta realiza um trabalho estético, seu poema vislumbra e procura transparecer toda a sua experiência com um campo

⁴ Na tradução Espanhola: “Creo haber resumido mi posición con respecto a la filosofía al decir: de hecho, sólo se debería poetizar la filosofía”. (Wittgenstein, *Cultura y Valor*, § 129).

que transcende o domínio da linguagem, que a escapa, assim como seu objeto de designio, a contemplação estética que pretende agarrar pela se escapa. A experiência estética constitui um outro tipo de conhecimento não material: o das representações.

Foram poetas como Homero e Hesíodo quem deram aos gregos os seus deuses, a arte poética é talhada em um domínio transcendente, os poetas da antiguidade clássica pintavam através da linguagem poética não apenas as suas aspirações, mas serviram-se da subjetividade e de suas vivências como um modo de descrição de tudo o que o mundo não engloba e do que carece ao homem. O poeta procurar retratar o belo sobre o ponto de vista da eternidade, como o homem não é eterno, para alcançar seu objetivo deve procurar meios que ultrapassam os limites de suas representações e das suas limitadas capacidades de explicação, uma vez que o contato com o segredo não pode ser descrito senão como uma vivência, é assim que Homero retrata Odisseu (Ulisses) como uma das personagens com uma vivência própria e individual, deste modo, tal vivência épica torna-se ligada com a própria civilização através da concepção de uma educação ética da antiguidade clássica. Ulisses sai de Ítaca, tarda a chegar ao seu destino, volta para Ítaca em meio aos sofrimentos e diante da imposição de seu destino, suporta todo o processo, com a experiência do sofrimento que lhe serve de processo educativo. A existência humana repousa em sofrimento e dores, aprender com tais experiências deve significar tornar-se um herói e atingir a plenitude da vida moral. O poeta cria um herói imortalizável na memória, onde a vivência do personagem é pintada como um retrato de uma ação ética. É uma necessidade humana a redenção diante de um contato com o sagrado, e a expressão de uma contemplação estética, a expressão de uma vivência que escapa dos domínios da linguagem. Uma experiência estética remete a uma vivência, e repousa sobre a faculdade da sensibilidade, na espontaneidade da vontade, essa necessidade de criação e expressão artística tende a ideais que a realidade não engloba, o absoluto da beleza e da verdade, por isso a poesia da antiguidade demonstra o inefável do homem em suas experiências eminentemente individuais. Tanto o que é inefável na poesia épica, quanto nefando para a poesia trágica, demonstram serem tentativas de expressão de vivências inalcançáveis para qualquer ciência experimental. De um

lado, repousa a contemplação da beleza estética assim um contato com o sagrado. Por outro lado, uma vivência hedionda e incapaz de ser comunicável, por se tratar de uma experiência interna e subjetiva.

O poeta épico em suas tentativas de expressividade de suas vivências, da contemplação da beleza, descrevendo posturas em personagens; em ações ações louváveis eticamente, retratando subjetivamente uma realidade inexistente, mas concebível como um ideal abstrato e absoluto, cria um mundo do ponto de vista da eternidade. Assim como o poeta trágico concebe o nefando como o sofrimento absoluto, diante de ações julgáveis como imorais. Assim como o filósofo quando pensa no valor da ética, no valor absoluto e na beleza, o poeta possui a tendência de procurar exprimir o que o mundo não engloba, e diante dessas tentativas tanto o poeta quanto o filósofo voltam repletos de hematomas, ao se depararem e chocarem-se com os limites da expressividade da linguagem.

Se apontamos como alternativa uma escrita poética enquanto atividade filosófica, e entender através dessa concepção que a poesia careça de um tratamento de suas no retorno de suas tentativas de ir para além dos limites possíveis da linguagem, de suas tentativas de explicitação. O poeta pode transmitir expressões que comumente não significamos da mesma maneira, no seu jogo de linguagem suas palavras possuem significados próprios que se descreve pela sua vivência, o filósofo que se coloca o trabalho de compreender a obra poética se depara com maneiras distintas pelas quais o poeta atribui significados distintos a palavras que conhecemos, o filósofo não descobriu um significado oculto de uma palavra, mas passou a significar mais amplamente, descobre um uso diferente. No entanto, tal significação da linguagem deve ser avaliada segundo a compreensão, uma vez que a significação de palavras conduz à tendência de ir contra os limites da expressividade da linguagem, tais conceitos devem ser resgatados, colocados em questão pelas suas regras gramaticais, pois como uma palavra deve ser usada é descrito pela gramática, tal atividade é terapêutica mas não pode ser compreendida como uma cura para a tendência, apenas pode corrigir os hematomas mentais oriundos dos choques contra os limites da linguagem.

PARA CONCLUIR

Se apontamos como alternativa uma escrita poética enquanto atividade filosófica, e entender através dessa concepção que a poesia careça de um tratamento de suas no retorno de suas tentativas de ir para além dos limites possíveis da linguagem, de suas tentativas de explicitação. O poeta pode transmitir expressões que comumente não significamos da mesma maneira, no seu jogo de linguagem suas palavras possuem significados próprios que se descreve pela sua vivência, o filósofo que se coloca o trabalho de compreender a obra poética se depara com maneiras distintas pelas quais o poeta atribui significados distintos a palavras que conhecemos, o filósofo não descobriu um significado oculto de uma palavra, mas passou a significar mais amplamente, descobre um uso diferente.

No entanto, tal significação da linguagem deve ser avaliada segundo a compreensão, uma vez que a significação de palavras conduz à tendência de ir contra os limites da expressividade da linguagem, tais conceitos devem ser resgatados, colocados em questão pelas suas regras gramaticais, pois como uma palavra deve ser usada é descrito pela gramática, tal atividade é terapêutica mas não pode ser compreendida como uma cura para a tendência, apenas pode corrigir os hematomas mentais oriundos dos choques contra os limites da linguagem.

Assim como Wittgenstein aponta que os problemas em filosofia podem ser descritos através de uma compreensão da gramática que a linguagem comporta (IF, 122-124), trata de tais problemas como doenças (IF, 256), que podem ser sanadas através da compreensão dos usos das palavras. As palavras e conceitos determinados devem ser resgatados dos seus usos onde a linguagem atinge os seus limites e a tendência de ultrapassá-la não resulta em eficácia, a luta contra a linguagem é uma disputa perdida.

Portanto, partindo da concepção da poesia enquanto atividade filosófica, sua tendência deve ser averiguada e submetida a um tratamento gramatical pelo qual os significados retornam aos seus usos habituais e não-problemáticos, através do seguimento de regras como um campo comum, enquanto um jogo de linguagem com desígnios próprios de usos conceituais, que reflete uma forma de vida, tal tratamento ao mesmo tempo é uma proposta para o regresso daquelas tentativas de ir além dos limites insuperáveis da linguagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Léia Schacher. *Wittgenstein e a Teoria da literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor, M. Os irmãos Karamazovi. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

FANN, T. K. El concepto de filosofía en Wittgenstein. Madrid: Tecnos, 1992.

FREGE, Gottlob. Lógica e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2009.

_____. O pensamento: uma investigação lógica. Anais de Filosofia. São João delRei, n.6, p. 283-298. Jul, 1999.

GLOCK. Dicionário Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GRUMICKER, Fernando Alves. *Do método de investigação de Ockham ao pensamento científico moderno*. Revista Diaphonía. Toledo-PR, v.8, n.1, ago. 2021, p. 33-48.

HADOT, Pierre. *Wittgenstein y los límites del lenguaje*. Vallencia: Pré-textos. 2007.

JANIK, A.; TOULMIN, S. *La Viena de Wittgenstein*. Sevilla España: Athenaica, 2017.

MARTÍNEZ, Horacio Lujan. *Linguagem e Praxis: uma introdução à leitura do "segundo" Wittgenstein*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.

_____. *Subjetividade e Silêncio no Tractatus de Wittgenstein*. Cascavel: Edunioeste, 2001.

MORENO, R. A. *Introdução a uma pragmática filosófica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

_____. *Wittgenstein Através das imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1995.

MONK, Ray. *Wittgenstein, o dever do gênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

PERLOFF, Marjorie. *A Escada De Wittgenstein: a linguagem poética e o estranhamento do cotidiano*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Toward a Wittgenstenian poetics*. *Comtemporary literature*. Wiscosin, v.33, n.2, p. 191-213, 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Aforismos, Cultura y valor*. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cultura y valor*. Barcelona: Austral Editorial, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Estética, Psicología e religião: palestras e conversações*. São Paulo: Cultrix, 1970.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Fichas (Zettel)*. Lisboa: Edições 70, s.d.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Abril cultural: São Paulo, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical grammar*. Berkeley: University Of California Press, 1978.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Sobre la certeza*. Barcelona: Gedisa, 1995.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Lógico-Philosophicus*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.